



O DIA EM QUE O PRESIDENTE COMEU MINHA MÃE

Helvécio Furtado Junior

“O senhor me desculpe, mas o governo tem mais o que fazer do que cuidar dos seus problemas”, me disse o recepcionista. Retruquei que a minha mãe já estava aprovada para receber o auxílio emergencial, faltava só liberarem o dinheiro. “O sistema diz: benefício negado, código 17”. “Que porra é essa?”. “É quando o beneficiário consta como já falecido. Aí o valor retorna pros cofres públicos”. “A minha mãe não morreu. Tá internada com a febre bovina, mas vai se recuperar”. “Aqui consta como falecida”. Eu já ia dizendo que alguém teria me avisado, mas antes, chequei o celular. Duas chamadas perdidas. Do hospital.

Caminhei até lá. Após cinco horas dividindo oxigênio com incontáveis pestilentos, descobri que o corpo havia sido encaminhado para o Instituto Médico Legal. Sem avisar nem pedir licença? “Se o senhor tivesse atendido o telefone, estaria sabendo”, respondeu quem me atendia. Fiquei vermelho, mas antes que pudesse começar uma treta, já haviam chamado o próximo, que me jogou para escanteio com a sua urgência.

Parei embaixo da marquise do hospital, onde estranhos com variadas síndromes respiratórias iam fumar. Rasguei a máscara e a joguei no chão. Ali estava uma senhora de idade, fumando cigar-

ro barato. A máscara que cobria o rosto dela do nariz para baixo tinha uma mancha amarelada no centro. Ela tirou a máscara e tragou o cigarro. Cobriu novamente a boca para tossir. O nosso olhar se encontrou. “Você vai ficar doente com essa boca de fora”, disse soltando fumaça pela máscara. A ironia me atordoou. A revolta me reativou. Colei o meu rosto no dela e vi o olhar de pavor por ter chamado a minha atenção. “Vai, tosse. Tosse na minha boca”, pensei, disse para mim mesmo, disse a ela. Abri a boca e fiquei esperando. “Sopra pra dentro do pai, vai”, pensei, disse para mim mesmo, disse a ela. A velhota se levantou e fugiu. Peguei o cigarro que ela deixou cair e dei um trago. Olhei em volta. Já tinha gente de pé, querendo manter a ordem para cima de mim. Saí depressa, baforando o meu espólio. Mais adiante, apaguei a brasa no calo da língua. Devia me jogar da ponte ou buscar mamãe? Parti para o IML só porque estava mais perto.

Andei por uma hora e meia na noite moribunda. Mesmo no início da madrugada, o instituto estava tão lotado quanto os outros serviços de saúde. Sentei-me na cadeira plástica da recepção e comecei a balançar a perna furiosamente, sacudindo comigo toda a fileira de assentos grudados ao meu por um eixo torto. Um a um, meus vizinhos de cadeira saíram em busca de lugares mais tranquilos. Ficou uma moça na extremidade oposta à minha. Encarava-me, recriminando com o olhar a minha agitação ou talvez a ausência de máscara. O plano dela era me fazer parar com um olhar severo. Cocei o saco e a encarei de volta. Ela fez cara de nojo, se levantou e saiu. Quando passou por mim, murmurou “escroto”. “É lá que coça”, gritei. Gargalhei. Naquele momento, eu era pura revolta, que vinha ganhando mais e mais massa no espaço limitado de um coração de homem, até endurecer que nem o

núcleo da terra ou pus dentro de um folículo inflamado. Aquela inquietude era filha do marasmo. Dos meses que passei me deixando foder pelo *lockdown* meia-bomba, enlouquecendo pela impossibilidade de reagir, violentamente de preferência, às novas e arbitrárias regras. Para evitar a doença não funcionou, mas serviu para me enlouquecer.

Enquanto esperava a liberação do corpo, notei que o som do metal reagindo à minha perna inquieta formava uma cadência peculiar, produzindo um ritmo quando acompanhada pelo murmúrio dos presentes e pela tosse dos infectados. Em mais de uma ocasião, o acesso de tosse ou de choro de alguém a esperar cadáveres, como uma percussão metálica que inventei de tocar com a perna. A longa espera me convidou à prática. Fui pegando o jeito das cadeiras enquanto a noite se arrastava. Era a sinfonia da pandemia. Um cara chorava, uma mulher tossia, o idoso reclamava e a minha perna batia. Só eu ouvia a melodia. Reger a sinfonia me fez esquecer por algum tempo onde eu estava. Aí, chamaram a minha mãe pelo sobrenome errado.

O sol já tinha nascido. Por causa da confusão com a identidade, chamaram o supervisor, que me levou até mamãe com a banalidade frívola que aquela morte anônima demandava. Entregou um caixão selado e um atestado de óbito. Informou, embora eu já soubesse, que o governo não suportava mais sepultar todo mundo. Fiz que ia brigar, quis erguer a voz, exigir dignidade. “Cara, todo dia eu sei que vou acabar morrendo dessa merda, e venho trabalhar mesmo assim. Fica na tua”, me disse, fungando entre pigarros. Resignado e fodido, coloquei a velha num carrinho desses de comida, que estava dando sopa pelo corredor. Empurrei a caixa preta até a porta do instituto. Chamei um Uber. O cara sacou o lo-

cal de origem e veio prevenido. O porta-malas estava totalmente coberto com plástico esterilizado. O motorista também.

Durante o trajeto, a minha mente passeava entre o estupor e a catarse. Contei dois ou três corpos caídos na calçada, esperando a caçamba. Perto do centro, fui notando as figuras matinais que pouco a pouco iam constituindo a aglomeração quotidiana daquelas praças. Um rapaz caminhava como se fosse um ninja, todo trabalhado em acessórios de um preto estéril. Pelo Camelódromo, mulheres montavam suas barraquinhas e vendiam máscaras de oncinha, tigradas ou zebreadas em rosa e preto. “É o fim do mundo”, informei ao motorista. “Que nada! Tem tanta coisa que mata mais... Daqui a pouco isso passa”, respondeu.

Cheguei na porta do prédio. Cocei a cabeça quando o Uber abriu o porta-malas. “A maioria só fode o lacre e carrega o corpo nas costas”, testemunhou. Engoli em seco. Arrastei o esquite para fora do carro. Procurei na tampa daquela merda um ponto fraco para bater. Veio passando o caçambão da vigilância sanitária, recolhendo quem morria na rua. Achei o selo de plástico fundido, meti alguns pisões até quebrá-lo. Ia puxando de dentro o saco azul contendo mamãe, quando o motorista do caminhão parou do meu lado. Indagou se eu ia deixar o cadáver ali na sarjeta. “Se eu deixar, vocês levam?”, perguntei. O servidor me disse que o certo era levar só indigente, mas que por uma ajuda de custo eles colocavam junto com os mendigos e tudo virava fumaça no crematório de campanha. Recusei e ele partiu, não sem antes me taxar de ingrato e avaro.

Joguei mamãe nas costas. O porteiro me segurou por um instante. Apontou um aparelho à minha testa, bipou e me deixou

seguir viagem. “Ninguém entra sem esterilizar”, disse com sotaque gaúcho. Senti mamãe por dentro do saco. Já começava a suar sob o peso do cadáver. Esfreguei os dedos borrifados de álcool até satisfazer o porteiro e subi quatro andares carregando quinze arrobos de carne velha. Sim, porque gente morta parece que pesa mais. Quando minha carcaça superaquecida e suarenta chegou na porta do apartamento, só queria beber alguma coisa. O pensamento foi buscar uma cerveja. No mesmo instante a voz do AA me censurou e me ofereceu um copo d’água. Depois veio o arrependimento por ter parado de beber. Para quê? O que poderia ficar pior? Consegui me ater à civilidade e foquei na água.

Tomei água escorado na geladeira e olhando para o freezer de carnes. Bateu desespero. Corri para o banheiro, molhei o rosto, me olhei no espelho e pensei em chorar. Ridícula a cara de choro do homem barbado. Porra nenhuma! Não sentia pesar nem por mamãe nem pela humanidade, somente aquela revolta misantrópica me dando certeza de que a praga era o caminho natural das coisas. Uma limpeza espiritual. Quero dizer, a humanidade até tinha ido longe, considerados os nossos maus hábitos. Realmente lamentável era o *fake* pranto, a obrigação sentimental imposta pelas vozes das mesmas pessoas que sempre cagaram para a contagem de corpos. Esse sentimentalismo atravessado e pavoneante, que obriga o outro a obedecer ao doer-se por ele, o governo aprendeu com as mães. Por isso, me recusei a fingir para mim mesmo que mamãe morta me feria. Eu já não lhe devia nada. Ajoelhei, abracei a privada velha e amiga e vomitei até me sentir limpo. Voltei para a sala, me sentei de frente para o opaco saco azul. Fitei-o por horas, até que o impacto emocional amolecasse

com o calor da tarde. Uma mosca veio e pousou no pacote. Eu ia ter que por mamãe no freezer.

Abri o congelador e me surpreendi com a quantidade de carne estocada. Tirei todas as peças, comentando o exagero com a velha morta. Depois, arranquei os suportes de alumínio. Rasguei a embalagem, retirei o corpo nu e o estoquei abraçando os próprios joelhos. Ocupou bem menos espaço do que eu imaginara. Fechei a tampa. Olhei a pilha enorme de carne em cima da mesa. Ela realmente havia se preparado para a quarentena. Deixei tudo descongelando no calor da cozinha, e fui tomar banho. A água corrente relaxou o meu corpo e percebi como estava exausto. Sai do chuveiro e apaguei na cama.

Levantei-me e voltei ao banheiro. Liguei novamente o chuveiro. Água corrente me ajuda a relaxar quando me sento na privada. Mamãe sempre ficava de butuca ouvindo, e sabia dizer pelo barulho da água se eu estava mesmo tomando banho ou sentado na privada “desperdiçando”. Tentei me distrair com o celular, mas a mente foi se inundando com uma profunda inveja dela. Finalmente havia dado o fora desse lugar opressivo, cheio de gente que faz mal sem perceber, ou que percebe e não liga, enquanto eu, se fosse bem azarado, sobreviveria para lidar com a merda social que se seguiria à peste: arrocho, fome e autoritarismo. E a sorte da velha ainda era problema meu. Como é que eu ia enterrar a minha mãe, sem governo e nem dinheiro?

Vi-me no dia em que parei de beber. O cliente reclamando do meu bafo, Rubens demandando explicação. As vozes se alterando, confusão. O tapa na cara do chefe. Sacudi a cabeça dispersando a memória. O meu dedo rolou o *feed*, descansando sozinho sobre

o contato do ex-chefe. O coração começou a martelar. Lembrei do pedido de desculpas, durante a ressocialização. Será que isso mudava alguma coisa? Liguei. Atendeu.

Trocamos cumprimentos frios. “O Bella Gulla está funcionando?”, “Não”. “E o buffet, tá fazendo eventos?”. Silêncio. “A quarentena tá fodendo todo mundo”, disse eu. “Que quarentena? Se não fosse o exército racionando tudo, eu tava funcionando”. “Ainda tem gente fazendo evento?”. Senti Rubens hesitando do outro lado. “Escuta, tu tá precisando de alguma coisa?”, foi a resposta. “Cara... minha mãe acabou de morrer. Preciso de uma bebida”.

Nem sei como isso saiu. Racionalmente, eu queria pedir um emprego, mas na hora me veio à mente as caixas e caixas de variadas e deliciosas bebidas estocadas no buffet. “Olha, sinto muito pela sua *perca*, mas tu não devias voltar pra esse mundo. Só vai piorar teus problemas”, respondeu Rubens. “O quê que tu sabes dos meus problemas?”, fui ríspido. “Tu saístes na rua esses dias? Não sou eu que tenho problema”. Desliguei, meio assustado. O que se pode dizer da sanidade de quem não consegue controlar o que sai da própria boca?

A cozinha cheirava a assassinato. Respirei fundo. Primeiro, fui encaixando as peças moles e gotejantes no congelador da geladeira. Coube uns dez quilos. O resto podia perder ou dividir o espaço com mamãe. Abri o caixão gelado. Cristaizinhos estavam se formando nos cílios dela. Aquele era mesmo um bom equipamento, reparei. *Reliable*, se estivéssemos na América. Sem muita convicção, fui cobrindo-a de cortes suínos, bovinos e aves. Quando terminei, somente o cocuruto grisalho emergia daquela pilha de carne. Era quase um monumento mortuário da idade da pedra.



Nesse caso, idade da carne. Servi-me um copo de suco que não matou minha sede, e passei o resto do dia cozinhando o que não ia dar para congelar.

Fiquei isolado no apartamento por quatro dias antes de pirar e sair à caça de bebida. Estava sumariamente decidido a abandonar a vida abstinência, porque ninguém se importava comigo ou com mamãe, e o que eu lia na internet reafirmava a certeza de que futuro não haveria. O esforço psíquico necessário para manter-me sóbrio era, então, sofrimento puro e sem propósito. Cheguei no hipermercado para gastar o que eu tinha em cachaça, mas uns milicianos me interpelaram na guarita de entrada, me deram uns sopapos por eu estar sem a máscara e me multaram. O Sargento bigode sacou uma maquininha de cartão, me obrigando a pagar na hora. Depois limpou os botões com um lenço umedecido, porque o sujo era eu.

Dolorido e derrotado, manquei a esmo procurando um bar aberto, mas não havia nenhum. Quando anoiteceu, voltei para a casa de ônibus, porque o que restava no cartão não dava para Uber. Sentei-me do lado do único passageiro, que não parava de tossir. O maluco parecia querer sumir pela janela, e tossia pedindo perdão, olhando esbugalhado para mim, escoriado, sem máscara e sem medo ao seu lado. Se depois eu me sentei em outro lugar foi porque me repugnava sua postura inferior. “Desculpa, perdão, desculpa”. “Tá pedindo desculpa por quê? Tá fazendo de propósito?”.

Em casa, percebi que a carne pronta finalmente havia acabado. Eu teria que cozinhar alguma coisa. Abri o freezer. Não fui metendo a mão e erguendo a tampa, rolou um certo medo do mistério. Era a primeira vez que eu mexia ali desde que deixara a mi-

nha mãe com as pancetas e os contrafilés. Na hora da real, percebi aliviado que não sentia nada. Mamãe também não havia mudado para além de um pouquinho de gelo grudando na cabeleira. Isso me deu paz de espírito para perscrutar as carnes e fazer um levantamento daquilo que eu herdara. “O que a Senhora comprou, mãe?”, ela não respondeu, embora eu pudesse ouvir sua voz em minha mente enquanto lia as etiquetas. “Uma picanha, três quilos de linguiça toscana, cinco de acém moído...”. Fiz uma matemática mental e imaginei que eu tinha mais carne do que eu podia consumir. Muita coisa cara também. Com o preço que os alimentos estavam chegando, talvez alguém estivesse interessado em trocar um pouco por birita. Pensei no Rubens. Ele tinha mesmo dado uma deixa sobre a falta de suprimentos, mas eu ficava vermelho só de pensar no nome. Por algum motivo, eu sempre vacilava com ele. O mano se compadecia e tinha me dado várias oportunidades. Eu estava prestes a pedir ele outra. A oportunidade de um porre a troco de carne.

“Rubens?”, fiquei surpreso só de ele atender. “Sou eu. Cê falou que tá sem estoque. Tenho umas peças de carne pra passar pra frente. Tem picanha, filé, contrafilé... E tu tá pedindo quanto? Tu tens o quê de bebida?”.

Desligou na minha cara. Demorou dois dias para pensar melhor e ligar de volta. Veio fazer o escambo no início da noite. Entreguei tudo menos a carne moída por duas caixas de Caninha da Boa, um Cavallo Branco e três fardinhos de cerveja *long neck*. Dei um goloço antes mesmo de fechar a porta. Vi no olhar do Rubens que ele se sentia mal por fazer aquilo comigo, o que fez eu me sentir melhor.

A melhor bebedeira que existe é a da recaída. É a segunda chance dos incorrigíveis, é sair da cadeia, é a primeira noite do casal que reata. A resistência está dissipada, o efeito vem no máximo e a sensação de dignidade indo para o buraco adiciona uma vertigem irresistível, que combina com a onda do álcool por excelência. Dez dias eu passei dentro de mim mesmo, descolado do corpo através da bebida, tagarelando com a minha velha sobre tudo. Depois de morta, parou de julgar meus porres e, portanto, podíamos botar o papo em dia.

Eu me sentei à mesa ao lado do freezer e abri a tampa. Iniciei os trabalhos. Ia bebendo e comentando o que via na net. Vi uma foto da nossa elite reunida para comemorar mais meia dúzia de direitos arrancados do povo por causa de banco. Os velhotes se abraçavam e cumprimentavam, alheios à doença que grassava. Posts depois, o textão de um ex-colega denunciava como a pandemia se alastrara dos ricos para os pobres e como mesmo se infectando menos, a baixa renda morria mais. “Por isso que os caras não ligam. Disso eles não morrem”. Pensei na porra da vizinha, que não parava de tossir. “Quando é que vai chegar a minha vez, hein mãe?”. Eu ainda estava forte como um cavalo. “Por que que esses caras são tão filhos da puta? Me responde só essa. Por que somos tão ruins uns com os outros, mãe? Porque é que tu me botaste nessa, sua arrombada?”. Percebi que estava de pé, gritando. “Olha a boca, rapaz!”, gritou a velha do outro lado da parede. Não consegui me decidir com qual insulto retribuir, então abri mais uma lata e tomei um longo gole. Escorei-me no freezer. “Sabe, mãe. Alguém tinha que ser nefasto, ruim, baixo com esses caras como eles são com o resto de nós. Só uma vez, pra eles saberem”.

“Te falar... Tu tá bem?”. Era o Rubens, me ligando. “Saudável? Sim”. “Tá interessado em cobrir um evento?”. Tirei o celular da orelha para me certificar de que não estava alucinando novamente. Era real. “Cê quer que eu trabalhe pra você outra vez? Por quê?”. “Vilmar não vem mais, o Amilton tá de atestado, enfim. Não tem ninguém e eu preciso de um cozinheiro. É um evento importante”. “Beleza”. “Então você vem?” “Uhum”. Saiu com um arroteo no meio. “Tu tá bêbado? Olha, o evento é domingo agora, não vai chegar de porre, hein? Vai ter governador, bispo, general, até a porra do presidente vem. Se tu chegares bêbado, vai me foder”. “Combinado”. “E faz essa barba”. Desliguei.

Era a oportunidade de uma vida! Quase acreditei que Deus existia e tinha um plano. Terminei de tomar o que já estava aberto, depois parei para pensar. “A senhora vai me ajudar, mãe”. Tomei um banho e esperei anoitecer. Na madrugada, arrombei o açougue mais próximo. Quando achei a máquina certa, liguei para o Rubens. “Escuta, como é que tu tá de carne? Tenho pra passar uns trinta quilos de carne de gado”. “Que ótimo, vamos usar nos pastéis”, ele me respondeu. “Mesmo acordo?”, “Fechado”.

Cheguei em casa, testei a máquina e tirei mamãe do freezer. Coloquei-a para descongelar no tapete da sala e fui dormir. Acordei bem-disposto e de bom humor pela primeira vez desde o início do *lockdown*. Vesti uma camisa bonita e coloquei a carne descongelada sobre a mesa. Ajustei a câmera do celular, tirei a primeira selfie. Liguei a máquina, peguei o cutelo e comecei a trabalhar. Sem máscara.

No domingo, cheguei mais cedo e fui limpar pratos perto da cozinha. Vi Odete cuidando de um panelão com a carne que eu

havia preparado. Sorri. “Capricha nesse tempero, hein querida”, eu disse. O tempo passou agradavelmente até a hora do evento, talvez porque eu estivesse ocupado. De noite, me colocaram na reposição dos tira-gostos, lugar privilegiado para servir a carne certa para aquela corja de vilões bem-vestidos. Vinha um general de verde-gala e eu dizia “Senhor, coma um pastel”. Passou o bispo e eu “Vossa Santidade, um pastelzinho”, já oferecendo a bandeja. Engraçado como nem os poderosos questionam uma ordem agradável de ser cumprida. Eu não continha o sorriso. Rubens passou por mim e perguntou se eu estava drogado. “Estou feliz de estar aqui”, respondi sinceramente.

O presidente aproximou-se da minha mesa. “Pastéis, senhor”, e lhe enfiei um pouco da mamãe na cara. O matusalém comeu um, dois, três. “Gostosos, não é mesmo?”. Ele me olhou sem responder. Continuou comendo. “Hein?” Insisti. “Fui eu que escolhi a carne. Quer ver o preparo?”, perguntei, já tirando o celular do bolso. Ainda de boca cheia, o presidente se aproximou e esticou o pescoço para olhar.

Fui passando as fotos. Conforme entendia o que estava acontecendo, a expressão da iminência ia se tornando mais e mais incrédula. Ele arregalou os olhos e cuspiu o que tinha na boca. Fez sinal de ânsia, o que provocou comoção em todos os presentes. As pessoas começaram a se aproximar. Comecei a gargalhar. Generais e damas vieram para acudir ao excelentíssimo. Quando achei que o mandachuva ia vomitar no salão, seus espasmos pararam e ele se apurou. Como um palhaço que termina o ato, ele se recompôs e sorriu. Olhando nos meus olhos, desdenhou: “Pessoal, esse rapaz serviu carne de gente pra nós!”. Arrebatou das minhas mãos o aparelho, exibiu as imagens para todos. A turba

de togas e ternos caiu na gargalhada. As minhas pernas amoleceram. “Quem é essa, rapaz? Uma vizinha? Parente sua?”. Confirmei com a cabeça, atordoado. “Tava contaminada? Senti um gosto de remédio na carne!” Nova cacofonia de risos. Pensei, “vou me mijar”. O presidente aproximou o rosto manchado e vincado. Pegou mais um pastel e devorou numa bocada. “Você acha que eu não sei o que estou fazendo, filho?”. Senti que ia desmaiar. O velho me agarrou pelos braços para me manter de pé. Olhou nos meus olhos, sorrindo largo. “Gostei de você, jovem. Vou passar o seu contato para o meu pessoal. Vai ser uma delícia ter você na nossa cozinha”.